

## Desejo e Solidão

Richard Miskolci<sup>1</sup>

Nos dois últimos séculos, o tema da solidão na sociedade contemporânea gerou importantes obras literárias e profícuas reflexões sociológicas, mas apenas recentemente a teoria social distinguiu as diferentes formas como as pessoas se sentem sozinhas e as categorias históricas que constituem os eixos para pensarem sobre si mesmas como solitárias. De forma esquemática, o sociólogo Richard Sennett distinguiu três formas de solidão: aquela imposta pelo poder como o exílio; a solidão auto-imposta do rebelde e, por fim, a solidão daqueles que se sentem estranhos em seu próprio mundo e, por causa desta diferença, apartados das pessoas normais.<sup>i</sup> A breve reflexão que segue focará sobre este último tipo de solidão engendrado por um desejo socialmente considerado ameaçador.

No intuito de compreender as origens desta solidão torna-se necessária uma breve genealogia do sujeito moderno, ou seja, uma história da forma como a sociedade ocidental associou desejo e verdade individual. Segundo Michel Foucault, a associação entre sexo, subjetividade e verdade remonta à moralidade pagã centrada em valores como monogamia, fidelidade e procriação. Esta moralidade antiga foi incorporada pelo Cristianismo, mas transformada de forma importante por Santo Agostinho quando descreveu o que hoje chamaríamos de libido ou desejo como o componente interno, rebelde e perigoso da vontade interior. Segundo o teólogo cristão, a ereção involuntária de Adão equivalia à sua rebelião contra Deus. A teologia moral de Agostinho problematizou o desejo de forma a ver no interior dos sujeitos uma luta espiritual que exigia um constante auto-exame, uma hermenêutica do sujeito em que só se alcançaria o domínio de si por meio da vitória definitiva com relação à vontade. O eixo desta luta espiritual contra a impureza estaria em descobrir a verdade sobre si mesmo e vencer as ilusões.

A hermenêutica de Agostinho foi aprimorada e disseminada quer no contínuo exame de consciência instituído pela Reforma Protestante quer por meio da confissão obrigatória dos católicos imposta a partir da Contra-Reforma. A mesma técnica espiritual disseminou-se e adquiriu contornos agnósticos na vida cotidiana assim como na sua herdeira mais conhecida, a prática psicanalítica. O paralelo crítico não deixa de ser esclarecedor: enquanto no passado se confessava a fraqueza da carne ao padre, desde o final do século XIX confidenciam-se segredos sexuais ao terapeuta. Uma coisa é certa, a centralidade do desejo como meio de acesso à verdade do sujeito é uma herança cristã que nos lega a associação entre sexualidade e caráter.<sup>ii</sup>

Por meio das formas contemporâneas de auto-exame mantém-se a crença em um antagonismo originário entre o desejo e a ordem social. Discursos educativos, governamentais e midiáticos se articulam em práticas sociais que nos formam desde a mais tenra infância para crermos que somos o que desejamos. De forma que o desejo constitui-se no ponto nodal da sexualidade, ou seja, de um dispositivo histórico do poder que regula socialmente as subjetividades e os corpos direcionando o desejo segundo normas sociais rígidas, dentre as quais se destaca a heterossexualidade compulsória. É por meio da recusa simbólica e da perseguição

---

<sup>1</sup> Departamento de Sociologia – UFSCar – [richardmiskolci@uol.com.br](mailto:richardmiskolci@uol.com.br)

continua a manifestações homoeróticas que se busca formar a todos para se relacionarem com pessoas do sexo oposto. Em outras palavras, o heterossexismo institucional insere-nos dentro do binário interdependente da hetero-homossexualidade de forma a construir o espaço público como sinônimo de heterossexualidade por meio de uma “política da vergonha” que se manifesta na recusa cognitiva das relações entre pessoas do mesmo sexo.

A política da vergonha opera de forma ativa quer seja por meio de ações como a perseguição sistemática, a violência simbólica e física quer seja pela ignorância proposital da existência do desejo homoerótico. Esta ignorância do sofrimento perpetrado em quem vem a expressá-lo ou senti-lo em segredo é reveladora ao contribuir para uma política que se vale da ameaça da vergonha pública e da conseqüente desqualificação moral. É o terror do estigma que cria desigualdades silenciadas, isolamento, em suma, relega o desejo socialmente proscrito ao segredo criando subjetividades marcadas pelo temor de si mesmas e da exposição do que as tornaria a encarnação do abjeto diante da suposta maioria das pessoas “normais”. Assim, a sexualidade se constrói em uma dinâmica de conhecimento e ignorância, entre o que pode ser visível (público) e o que é relegado ao segredo (privado) de forma que “Quanto mais as pessoas estão isoladas ou vivem no privado mais estão vulneráveis aos efeitos desiguais da vergonha.” (Warner, 2000: 12)<sup>iii</sup>

A heteronormatividade privilegia subjetivações normalizadas criando subjetividades vigiadas e sob constante pressão. Incitadas a apagar seu desejo do convívio cotidiano e – ao mesmo tempo - compreenderem a si mesmos como produto dele constituem um aparente paradoxo que se dissolve ao compreendermos que compõe uma dinâmica em que a aceitação do desejo como verdade gera o segredo da abjeção, da impureza da qual o próprio sujeito quer se livrar. Daí não ser de se estranhar que o medo e o nojo pelo próprio desejo levem muitos a se identificarem com a cultura dominante que repele com asco sua “verdade”. Drama cristão de culpa e busca de redenção que - tornado agnóstico – molda as vidas de um número incalculável de pessoas em nossos dias.

Muitos são os que buscam contato com pessoas do mesmo sexo mas temem em si próprios - e no possível parceiro - tudo que possa denunciar um erotismo que afrontaria a crença na heterossexualidade como a própria ordem natural do sexo.<sup>iv</sup> São sujeitos moldados por violências heterossexistas que os tornam homofóbicos, interiormente acoçados pelo medo de serem descobertos, de tornarem-se vítimas de seu desejo, de serem traídos por aqueles que amam. O cerne destes medos, no caso dos homens, é de que o desejo homoerótico os leve a confrontar a ordem social perdendo o privilégio do gênero masculino, o que, de certa forma, os exporia a serem humilhados e (mal)tratados como mulheres. É este temor que os guia na busca por um ideal de parceiro amoroso (heterossexual) que se contrapõe às reais possibilidades que talvez os retirasse da recorrente queixa de solidão.<sup>v</sup>

A homossexualidade foi “inventada” como segredo em fins do XIX e passou a existir desde então inserindo no “armário” aqueles que vivenciam desejos homoeróticos, portanto alocando-os no privado e relegando-os a uma condição social difícil e dolorosa.<sup>vi</sup> É no segredo, ou seja, na solidão do armário que vivem suas vidas, neste limbo entre a vida socialmente construída como hetero no espaço público e em relações homo restringidas ao privado. Assim emerge a solidão que molda suas subjetividades: a sensação de serem únicos e terem que enfrentar um conflito contínuo com normas sociais por trás dos olhares vigilantes e indiscretos de amigos, parentes e colegas de trabalho.

Há mais de um século, a homossexualidade se revelou fundamental na articulação da diferença, na produção social do desejo e na própria construção social da subjetividade. O desejo homoerótico é o referente negativo e subalternizado da ordem das relações amorosas e sexuais do presente de forma a inserir aqueles e aquelas que o experimentam em uma solidão indissociável do medo, pois como segredo de vida e morte não pode ser compartilhada. Na cadeia que liga o desejo homoerótico ao temor da abjeção social se associa o segredo e a conseqüente solidão que cria relações cruéis para consigo mesmo e com o parceiro amoroso. O resultado é a freqüente constituição de relações insatisfatórias devido à superficialidade, o caráter efêmero ou à pura e simples demanda de invisibilidade social que limita a sociabilidade e a interação amorosa.

A política da vergonha se vale de mecanismos como o armário de forma a manter a associação entre sexo e caráter dentro de uma ordem moral perversa que aloca de antemão o desejo por pessoas do mesmo sexo no reino da mentira e do disfarce enquanto atribui a verdade e o respeito coletivo ao desejo por pessoas do sexo oposto. Nesta economia política do desejo, a respeitabilidade da suposta maioria é adquirida por meio da extração de uma mais-valia moral daqueles construídos socialmente como abjetos. O mesmo que torna alguns menos humanos e os relega à solidão confere humanidade a outros e os insere socialmente de forma privilegiada. Percebe-se que o heterossexismo tem conseqüências materiais e políticas ainda inexploradas. Só as compreenderemos analisando o eixo em que se encontram subjetividade e demandas coletivas, em outras palavras, o desejo que não se distingue da solidão que o conforma.

---

<sup>i</sup> FOUCAULT, Michel e SENNETT, Richard. Sexuality and Solitude In: London Review of Books. May 21-June 3, p.4-7, 1981.

<sup>ii</sup> Não por acaso, muitas das obras que constituíram historicamente um saber hegemônico sobre a sexualidade têm como eixo esta associação como os livros de Cesare Lombroso e o clássico de Otto Weininger *Geschlecht und Charakter* (Sexo e Caráter, 1903).

<sup>iii</sup> WARNER, Michael. *The Trouble with the Normal – Sex, Politics, and the Ethics of Queer Life*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

<sup>iv</sup> Vide a síntese de minha etnografia sobre usuários de chats gays publicada como *Vidas em Segredo* In: *Sexos*. São Paulo: Duetto, v.2, 2008. P.76-82

<sup>v</sup> Sobre este paradoxo em que o desejo homoerótico se dirige ao “heterossexual” consulte MISKOLCI e PELÚCIO. Aquele não mais obscuro negócio do desejo In: PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

<sup>vi</sup> SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário In: *cadernos pagu*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-UNICAMP, n28, 2007, p.19-54.